

“Passando por Antígona com as fórmulas da sexuação”

Carlos Campos¹

Nessa primeira parte do cartel², nos dedicamos a estudar o *encore*. Ali o trabalho iniciado, por Lacan, em *de um discurso que não seria do semblant* e desenvolvido no *...ou pire*, em torno da construção das fórmulas da sexuação, ganha uma outra dimensão com o avanço dos temas do gozo, do amor-amódio, do corpo e da escrita.

A escrita das fórmulas é um ponto crítico do esforço de Lacan em torno da transmissão da psicanálise pela via do matema; especialmente pelo alcance em termos da escrita do que é uma lógica (mais fraca) que serve para a psicanálise e, portanto, para a clínica psicanalítica, através de uma escrita do *não há relação sexual*. Dos trabalhos possíveis a partir dessa lógica mais fraca das fórmulas, tenho me centrado em alguns pontos com os quais passarei por Antígona: o falo simbólico (*phi*) Φ , o amor-amódio e as incidências e acossamentos de uns pólos de identificação sobre os outros.

Uma breve digressão para demonstrar o raciocínio que aplicarei aos personagens de Antígona e às fórmulas da sexuação: Lacan abre o *de um discurso que não seria do semblant* com a proposição de pensar em “uma inscrição dupla, no direito e no avesso, sem que seja preciso transpor uma borda” fazendo uso da estrutura da banda de Moebius. Ali, ele se referia a uma maneira de tomar o discurso do mestre como o lugar em que se demonstra a torção do discurso da psicanálise. Essa proposta me fez pensar no acossamento, na questão da incidência de uns discursos sobre os outros, na exigência ou na causa de trabalho dirigida de uns discursos aos outros nessa superfície que é única, mas com avessos; aí está algo que aponta, inclusive, para o narcisismo das pequenas diferenças de Freud, na medida em que as expressões de amor e de ódio podem se manifestar via aproximações e afastamentos ou até o limite das rejeições impossíveis. (tendendo até aos delírios de expulsões e de extermínios)³.

Esta percepção ficou adormecida e retornou quando, no trabalho sobre Antígona – no seminário *Psicanálise e Teatro*, sustentado pela Paula Strozenberg e pela Evelyn Disitzer – escutei as falas e eventuais diálogos dos principais personagens colocados da mesma forma sobre uma superfície de banda e aproximei suas posições daquelas expressas nas fórmulas da sexuação.

O amor, de maneira homóloga à linguagem, é, por estrutura, sem solução. Um homem não pode dispor do conjunto das mulheres, uma mulher não pode dispor de um *todohomem* que saiba amar, assim como ninguém pode dispor do conjunto dos significantes. Não há conforto estático em nenhuma posição, em nenhum modo de buscar proporção na relação com o outro. Entre desejo e gozo, o amor não é nunca da ordem de uma experiência de realização: nem, em um extremo, como sujeito desejante (que, afinal, dali onde se vê representado por um significante já se vê dividido, afastado pela barra) nem, no outro extremo, como objeto (que realizaria o sentido); há apenas

¹ Psicanalista, Membro da Escola Letra Freudiana

² A escrita dos nós e a clínica

³ Toda esta questão dos discursos tem sido trabalhada em outro cartel: a criança e os discursos.

posições de aproximação-afastamento, durante o trajeto metonímico da vida, sempre reguladas pela fantasia.

O falo como meio de localização que corrigiria, perpetua a falha por não ser instrumento de mediação perfeita, por não ser ponto médio, por não oferecer a proporção que não há na relação sexual, senão, na neurose, como miragem de solução, como ideal de medida fálica, ou seja, o falo falha por ser apenas um incurável significante. Um acossamento pelo incurável expresso nessa falha costuma aparecer, na vida, encarnado no outro. O Amor, assim como o sintoma, surge onde não há relação sexual, não-encontro com o objeto, e, assim como o sintoma, precisa ser escutado – via régia da transferência, onde o falo se manifesta como significante limite e pode vir a se revelar como operador do *objeto a*.

Meu interesse pelo Φ nas fórmulas da sexuação se acirrou a partir da escuta de Antígona; um texto em que pode se escutar as vozes de diversos modos lógicos de se posicionar e os acossamentos de uns sobre os outros, numa mesma superfície formada pela contigüidade dos personagens, pelo coro, pela própria tragédia – uma mesma superfície, mas com avessos. Em Antígona me percebi escutando as peripécias não de uma heroína, mas de quatro heróis: Antígona, Ismena, Creonte e Hemão – cada um tentando se representar **como signo** para outro sujeito, e falhando nisso. Se a tragédia promove uma possibilidade de identificação com o herói trágico, e se o efeito do trágico no teatro, de catarsis, passa pela colocação em evidencia do homem paradoxal, contraditório, que erra, que falha em alguns pontos e que se vê na possibilidade de assumir o que está feito, de se responsabilizar pelo que sustentou, então, em Antígona, escutei quatro heróis, na medida em que cada um deles escolhe realizar algo do seu próprio destino – de seu próprio horizonte de amor, no esforço de fazer sentido para o outro – sob o modelo do duplo monólogo, onde não há diálogo possível.

O modo de cada um desses quatro personagens sustentar sua posição me pareceu aproximável de cada uma das quatro contradições lógicas, expressas nas fórmulas da sexuação. E isto tem ajudado a trabalhar com elas. Naquela tragédia, o teatro, em sua estrutura dionisíaca, faz função de embaralhar as fronteiras e denunciar a precariedade da posição de cada personagem, precisamente pelo recurso específico que cada uma faz ao falo, falo que Lacan⁴ aproximou do nome-do-pai, e que, no limite, se cala.

O Sintoma fala, o falo se cala e o amor tenta dizer, tenta fazer o *um* que faria o ser. Mas, o amor é amódio, já porta um furo no tecido que pretende engendrar.⁵ O teatro, tocando a verdade em sua estrutura de ficção, permite ao ator fazer como se (*faire semblant*) ao defender o personagem, e permite ao espectador a catarsis pela via da escuta dessa morte em vida que é o significante. É no que a linguagem não faz universo via relação sexual que o próprio gozo sexual (fálico) faz barreira ao ser, é a barra simbólica imposta à relação que não há no real criando a miragem de que pudesse haver encontro com o objeto.

Em Antígona escutamos um ponto limite da vida de quatro personagens para os quais o falo fracassa como solução para a falta e para os quais o desejo se aproxima retumbantemente da morte ou do limite da mortificação. Precisamente ali onde não

⁴ “É esse o real, o real do gozo sexual enquanto destacado como tal: é o falo. Em outras palavras, o Nome-do-Pai.” Seminário 18, p.33

⁵ Lacan diz: “não se conhece nenhum amor sem ódio”. Sem. XX, p.122

houve operação da castração sobre a função ϕx é que cada um deles vai, desde sua posição, buscando sustentar sentidos que vão gerando opacidades, levando a um limite.

<p>Creonte - necessário</p> <p>carta de amor</p> <p>(não cessa de se escrever)</p> <p style="text-align: center;">—</p> <p style="text-align: center;">$\exists x \quad \Phi x$</p>	<p>Ismena - impossível</p> <p>Amor cortês</p> <p>(não cessa de não se escrever)</p> <p style="text-align: center;">— —</p> <p style="text-align: center;">$\exists x \quad \Phi x$</p>
<p>Hemão – possível</p> <p>Amor ao próximo</p> <p>(cessa de se escrever)</p> <p style="text-align: center;">$\forall x \quad \Phi x$</p>	<p>Antígona – contingente</p> <p>carta de <i>a-muro</i></p> <p>(cessa de não se escrever)</p> <p style="text-align: center;">—</p> <p style="text-align: center;">$\forall x \quad \Phi x$</p>

O que produz essa relação do significante ao gozo é o que exprimo por essa notação ϕx . Isso quer dizer que x , que não designa senão um significante, um significante pode ser cada um de vocês, cada um de vocês precisamente no nível, no estreito nível em que vocês existem como sexuados.⁶

A localização dos personagens nas posições diz respeito a algumas cenas, é imprecisa e pouco importante como interpretação da tragédia ou do mito. Ela só importa a um psicanalista como ocasião de trabalho com as fórmulas e, portanto, só reflete uma aproximação sempre tangencial dos personagens com cada uma das posições, não para explicá-las, mas como exercício, que, além disso, parece apontar para uma aproximação possível das formas de amor⁷ (dar o que não se tem) com as fórmulas da sexuação:

Por Ismena, passamos com o impossível, o zero, prevalência do real, que apontam para o Amor cortês: Não existe nenhum que não esteja assujeitado ao falo.

Escuta-se, nas falas da frágil Ismena, certa paixão por uma eficácia simbólica que não se realiza, uma variante da ordem do “um pouco de possível se não eu sucumbo”. Ismena busca no outro uma confirmação que viesse a lhe dar sentido, que pudesse incluir, quem sabe, sua posição no paradigma da sublimação freudiana: quer ser aceita, confirmada pelo outro como quem tem algum valor, mas, no seu caso, não a ponto de lutar por isto. Nem desiste nem tenta, paralisada pelas impossibilidades que sustenta e que encontra. Sob o modelo do amor cortês, ao esvaziar os objetos de

⁶ ...ou Pire p.28

⁷ Certamente no estabelecimento de um futuro texto passarei por estudo aprofundado do seminário 21 – Les non-dupes errent. Por hora, tomo como referências o seminário 20, (além de uma parte do o saber do psicanalista e o Trabalho de Diana Rabinovich – O desejo do Psicanalista).

conteúdos sexuais, este amor, marcado por ser sempre insatisfeito, escreve uma das formas do impossível da relação sexual.

Uma fala de Ismena, dirigindo-se a Antígona: - “Demais, deves pensar ainda que, sendo mulheres, não podemos lutar com os homens; que, além disso, sobre nós dominam os mais fortes: de sorte que somos constringidas a obedecer não só nisto, mas em coisas ainda mais difíceis. Obedecerei, portanto, à autoridade, visto ser forçada a isso, pedindo, ao mesmo tempo, perdão aos que a terra cobre; porquanto é uma loucura tentar empresas que excedem as nossas possibilidades.”

Outra fala, mais adiante: - “Não convém tentar o que não se pode conseguir.”
(Antígona vai e faz tudo o que decidiu fazer.)

Mais uma fala de Ismena, tentando pegar outro vento, com Creonte: - “Eu pratiquei também o crime, se minha irmã está de acordo; fui cúmplice e sofro as conseqüências.” Antígona não permite, e ela segue - “Pobre de mim! Não devo, portanto, participar da tua sorte?” - “Sem ela que valor terá para mim a vida?”

Por Creonte passamos com o necessário, o um, prevalência do simbólico, elementos que apontam para a Carta/letra de amor: Ao menos um que diga não à função fálica.

A carta de amor, aproximada da lógica da exceção, é necessária e tem o efeito de fazer aumentar a duração do sentido, obturar a castração e reforçar o muro (raiz da transferência?). Creonte cai na tentação, e se dedica à tentativa, de realizar a si mesmo como ideal, como resposta no lugar do falo, tendendo a colocar o si mesmo como modo de garantir o todo-amor, o melhor para todos pela via de um que garantiria o sentido e a lei, e paz e ordem. (Neste ponto, em psicanálise, se sustenta como conseqüência do próprio enlace do simbólico ao real, que não há amor sem ódio. Não há amor todo. É o *amódio* que Lacan escreveu se referindo à *hainamoration*).

Uma fala, para Antígona: - “Tiveste então a ousadia de transgredir o meu decreto?”

Outra fala, para Hemão: - “Assim deves pensar, filho; a vontade do pai tenha preferência a tudo! É por esse motivo que todo homem deseja ter filhos obedientes, em sua casa (...) Não existe mal maior que a desobediência. Ela destrói as cidades e põe as casas em desordem. Ao passo que a obediência salva as vidas de muitos que se deixam guiar.” Mais adiante, já exaltado com os argumentos de Hemão: - “Devo eu governar esta terra em proveito de outrem, além de mim?” - “Não é a cidade considerada pertença de quem a governa?”

Por Hemão passamos com o possível, a tendência ao dois, prevalência do imaginário, elementos que apontam para o Amor ao próximo: Todos marcados pela castração (todos submetidos à impossibilidade de cometer o incesto). Aprisionado entre o amor ao próximo, aos irmãos da pólis, e o amor ao Outro, Hemão sustenta uma direção à lei e a ordem pela submissão do grupo a um conjunto de leis que engloba as noções de justiça e de acordo político. Tenta trazer o pai à razão e se esforça por salvar a todos. É o para-todos - como por-tudo - buscando agir para todos.

Uma fala, para Creonte: - “A ti pertença, pai. Tu diriges-me com teus bons conselhos, os quais eu quero seguir. Pois nenhum casamento considerarei melhor, do que ser dirigido, sabiamente por ti.” Mais adiante, já buscando trazer o pai para o grupo/cidade: - “Não te capacites de que só a tua opinião é justa e nada mais! Porque quem julga que só ele é sábio e tem palavras e siso, como nenhum outro, este, revelando-se mostra a sua vacuidade. Não; ao homem, ainda que seja douto, não lhe fica mal aprender sempre e não se obstinar demais.” Já exaltado com o pai: - “A cidade não

pertence a um só homem.” – “Tu governarias bem sozinho numa terra deserta”

Por Antígona passamos com o contingente, com *há do um* (Y`a`d`l`un), tendência ao quarto nó?, elementos que apontam para a Carta/letra de a-muro: não-toda submetida, não-toda situada na função fálica.

O amor não se realiza como fala, mas se escreve numa carta de a-muro que é contingente. Entre centro e ausência, Antígona na lógica do não-toda tem, em relação ao gozo da função fálica, acesso a um gozo suplementar (na relação com os deuses e no amor que descreve no cuidado com os mortos da sua família) Sua posição, que não permite nenhuma universalidade, abre a condição de sustentação do que poderíamos chamar, talvez, de gozo do desejo. Há um gozo do corpo que é para além do falo.⁸ Antígona sustenta uma relação com os Deuses para além do que pode se articular como bem do homem.

Uma fala, sobre Creonte, com Ismena: -“Ele não tem direito a impedir meus deveres sagrados.” – “Na verdade, devo agradecer por mais tempo aos mortos do que aos vivos, pois junto daqueles terei jazida perpétua.” Respondendo ao questionamento de Creonte sobre a sua ousadia: - “Não me foi intimado por Zeus; nem a Dike, que coabita com os Deuses subterrâneos, estabeleceu essa lei entre os homens. Tão pouco creio que tuas ordens tenham tanta força, sendo tu um simples mortal, de modo a poderem derrogar as leis não escritas e inconcussas dos deuses.” Em um diálogo com Ismena: - “Tu escolheste a vida; eu a morte” – “A ti pareceu-te bem uma coisa, a mim outra.”

Para encerrar, uma fala de Antígona, dirigida a Creonte, a partir de onde atentei para a superfície moebiana em que se davam os diálogos:

- “E, se te pareço que procedi loucamente, por ter feito o que fiz, quase posso dizer que sou louca na opinião dum louco.”

⁸ Seminário XX, p.100